

Um intelectual marxista indignado e generoso

Em memória de CLÓVIS MOURA

JOSÉ CARLOS RUY*

O momento em que o autor de um livro clássico deixa de viver enseja a lembrança do autor e também um certo balanço da importância de sua obra e da contribuição dela ao progresso do conhecimento. O historiador marxista Clóvis Moura fechou os olhos no dia 23 de dezembro de 2003 em plena atividade – ele acabara, nas semanas anteriores, de conferir as provas daquela que considerava sua obra mais importante, resultado de mais de três décadas de pesquisa, o *Dicionário da escravidão*.

Clóvis Moura, que deixou uma obra extensa – mais de 20 títulos – foi um pensador social no sentido mais amplo da palavra. Foi poeta, jornalista. Foi, como gostava de definir-se, um escritor. Escritor engajado, autor de um livro notável que renovou a compreensão da luta de classes no Brasil: *Rebeliões da senzala*, publicado em 1959, e que se contrapôs

pioneiramente à visão do escravo como vítima passiva de seu destino. As visões dominantes da história de nosso passado escravista descreviam uma sociedade idílica, sem luta de classes e onde os conflitos entre senhores e escravos eram vistos como choques entre a cultura superior dos europeus, os senhores, e a barbárie dos africanos, os escravos. Foi preciso o esforço pioneiro de autores como Edison Carneiro, Clóvis Moura, e da geração liderada por Florestan Fernandes, Octávio Ianni, Emilia Viotti da Costa, Fernando Henrique Cardoso, e tantos outros, para que essa visão rósea fosse posta em seu justo lugar de apologia da ordem dominante, nostálgica do império e do escravismo.

A premissa teórica marxista fundamental, em *Rebeliões da Senzala*, é a de que, como em todas as demais sociedades divididas em classes, na sociedade

* Jornalista, editor do jornal *A Classe Operária* e das revistas *Princípios* e *Debate Sindical*.

escravista também existiu luta de classes. E Clóvis Moura a investigou para compreender melhor as lutas do presente e forjar os instrumentos conceituais que permitam, aos oprimidos de todos os matizes, lutar pela igualdade entre os homens e por uma forma superior de organização da sociedade.

Seu livro assinala o declínio das velhas concepções sobre a passividade e a docilidade do escravo e abriu a vertente que levaria, nos anos seguintes, a um reconhecimento aprofundado da luta escrava e sua importância para a dinâmica da sociedade brasileira. O número de estudos que surgiram então, muitos inspirados diretamente pela sua leitura, levaram ao reconhecimento de que a história do negro no Brasil se confunde com a história do povo brasileiro.

As lições de *Rebeliões* decorrem disso, e ajudam a compreender como o Brasil tornou-se o que é hoje. Em primeiro lugar, iluminam o caráter e a persistência de traços que, enraizados no passado colonial e escravista, perambulam ainda pelo presente, na sobrevivência fantasmagórica do poder das oligarquias tradicionais. Foi a relevância numérica da escravidão, seu tempo de duração e a forma como foi abolida no Brasil que “determinaram a emergência do modelo do capitalismo dependente em que vivemos até hoje”, ensinou Clóvis Moura. Além disso, em *Rebeliões da Senzala*, a história do escravo (e do negro) brasileiro é colocada no seu justo lugar de história do povo brasileiro, e não de um segmento populacional à parte, es-

pecífico e segmentado, reatando assim a história do povo brasileiro de nossos dias com a história daqueles que, antes de 1888, mourejavam sob o instituto infame e desumano que foi a escravidão.

Ao aprofundar o conhecimento de nosso passado, e demonstrar que a história da história da escravidão faz parte do fio contínuo da história de nosso povo, Clóvis Moura aprofundou e inovou o pensamento marxista e contribuiu para renovar a consciência socialista e anti-racista das gerações seguintes de historiadores e militantes do movimento revolucionário e anti-racista brasileiro.

Uma dessas inovações é a lição de que em sociedades como as nossas os conceitos de classe e raça são inseparáveis para a compreensão da situação das classes dominadas. São as duas dimensões essenciais da dominação, a classista e a racial, que se imbricam e conferem características próprias às relações de dominação em nossas sociedades.

A objetividade do processo histórico deve ser procurada na análise cuidadosa do desdobramento da aventura humana através do tempo. A lógica deste processo, que é a lógica da história, está inscrita na ação dos atores da história. Por isso não é linear ou previsível; o processo histórico não é externo à ação dos agentes sociais e às suas lutas, mas intrínseco a eles, determinado por eles e por sua consciência histórica e social. Isto introduz outro elemento fundamental da visão marxista da história: a complexa questão da consciência de classe, que Clóvis Moura abordou de forma

explícita nas conclusões de seu livro, onde diferencia os escravos que, ao rebelar-se, iniciavam o processo de formação de uma "classe para si", daqueles que, conformados com seu destino e prostrados sob o escravismo, sem compreender sequer sua situação imediata, eram ainda componentes "de uma classe em si, simples objeto do fato histórico".

A compreensão do processo histórico com as ambições que a análise marxista se impõe não pode resumir-se à apreensão dos significados com que a ação social, em seu sentido mais amplo, aparece para a consciência dos próprios agentes históricos. É preciso ir além e compreender o grau de consciência que a própria ação indica. Daí a distinção entre as formas ativas e passivas de resistência do escravo, aquelas denunciadoras de elementos iniciais de uma compreensão que poderia englobar as múltiplas e complexas relações em que o escravo estava inserido; estas, indicadoras de uma compreensão ainda limitada e incipiente, presa às vicissitudes do dia-a-dia e das imposições da sobrevivência e da acomodação.

É aqui que está ancorada a ênfase, no conjunto da obra de Clóvis Moura, na rebeldia escrava, na consideração da ação dirigida contra a manutenção do escravismo como principal elemento para a compreensão das contradições fundamentais daquele modo de produção e do capitalismo que o sucedeu.

Entre Zumbi e Pai João, para usar a metáfora que ficou famosa, a ênfase de Clóvis Moura recai sobre o herói

palmarino. Não por um gosto arbitrário do heróico, nem pelo desconhecimento das complexas formas que as relações entre senhores e escravos assumiram. A própria continuidade da exploração escravista e colonial impunha uma combinação complexa entre coerção e convencimento, onde o chicote e os castigos físicos combinavam-se em doses variadas com pequenas concessões cotidianas, num jogo de pressões e contra-pressões. A negociação possível naquele regime desumano podia disfarçar as agruras da opressão e permitir ao escravo estratégias de sobrevivência que minoravam sua sorte, e a ênfase que certa historiografia revisionista põe neste aspecto é baseada num contratualismo impróprio e fora de época, envolvendo partes absolutamente desiguais, o dono do escravo e o escravo por ele possuído, uma assimetria social e política indisfarçável. O conflito, ao contrário, parte cotidiana da vida do escravo, podia variar de grau e intensidade, de pequenas resistências diárias no trabalho, à morte de feitores e senhores ou à rebelião aberta, e sua eclosão quebrava todos os véus, dilacerava os disfarces que a negociação construía, opondo as duas facetas contraditórias e inconciliáveis daquela relação: o senhor e o escravo.

Clóvis Moura, que honrou *Crítica Marxista* como membro de seu Conselho Editorial, foi sobretudo um militante comunista do pensamento, da causa do socialismo. Ele ajudou a aprofundar a compreensão de nosso país, de nossa história e de nosso povo. Tinha

verdadeira aversão aos estudiosos de gabinete, que tratam o povo como um objeto de pesquisa, distante e frio. Ao contrário, ele era parte da pesquisa que fazia, juntou-se ao povo, aos trabalhadores, aos operários, negros, camponeses, e colocou seu conhecimento e sua arte a serviço da libertação dos oprimidos. Nunca deixou cair essa bandeira. Era um intelectual indignado, mas também generoso, movido pela razão e também pelo coração.